



AE — 6/6/89

Arraes: apoio informal ao candidato petista

Petistas esperam reagir no Nordeste

Partido que se orgulha de ter nascido nas fábricas e crescido entre o operariado mais moderno do país, o PT passou o dia de ontem procurando esperanças nos mapas eleitorais do Nordeste e das pequenas cidades do Interior. É dos grotões e das cidades subindustriais que podem emergir, a esta altura das apurações, os votos capazes de conduzir Luiz Inácio Lula da Silva ao segundo turno das eleições.

A extensão dessa ironia podia ser medida, ontem, pela comparação entre o desempenho do PT no Nordeste e nas cidades do Sul e Sudeste.

Primeiro lugar em Pernambuco, onde nasceu, Lula está em quarto lugar em São Paulo. Estado onde o PT foi fundado e onde se concentra o grosso do operariado brasileiro. Primeiro lugar em Salvador, Lula não foi bem no Rio de Janeiro, terceiro Estado industrial do País, e segunda metrópole brasileira. Bem colocado no Pará, Maranhão e Paraíba, tem a recolher pouquíssimos votos em Estados como Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. E se existe a liderança em Belo Horizonte, há também o fato revelador de que o candidato operário está sendo mais votado no Interior de São Paulo do que na Capital.

"O PT encontrou as oligarquias regionais do Nordeste divididas e manteve ali uma ampla política de alianças", expli-

ca Cezar Alvarez, coordenador nacional da campanha do partido. Entre as alianças, ele cita aquela, informal, acertada com o governador de Pernambuco, Miguel Arraes. A briga entre os Maia e os Alves, por seu lado, abriu a porta de que o PT necessitava para entrar com suas bandeiras no Rio Grande do Norte.

Em Salvador, as explicações para o sucesso do partido estão mais de acordo com a sua trajetória radical. Apoiado nos insucessos da administração municipal, o PT partiu para o confronto com a prefeitura por meio de seus dois vereadores. Nas ruas, seu crescimento foi proporcional à multiplicação das greves reivindicatórias e das invasões de terrenos pelos sem-terra. Em cada um desses movimentos havia gente do PT na linha de frente, divulgando a candidatura Lula.

"A força do PT no Piauí e no Rio Grande do Norte, os dois Estados mais pobres da Federação, mostra que seu programa é mais palpável para as populações locais que o de Collor", opina Edson Passetti, professor de Política da PUC de São Paulo.

Qualquer que seja a origem do fenômeno, ele coloca o PT na estranha situação de sair desta eleição assemelhado ao PDS que Sarney dirigiu nas eleições de 1982. O PDS perdeu no Brasil e ganhou a alcunha de partido nordestino.